

União do movimento sindical

Como os Senhores vêm a proposta de unificação do movimento trabalhista numa central sindical única?

José Sampaio — Nós achamos que essas eleições podem trazer uma experiência muito rica para o movimento sindical. Nós, como sindicalistas, vemos o seguinte: tudo o que está acontecendo vai contribuir para se buscar a unificação do movimento sindical, independentemente das divergências que estão existindo. É uma questão de sobrevivência da classe trabalhadora.

Nós entendemos que em relação a essas eleições, se apresentarmos um conjunto de representantes da sociedade com uma feição conservadora ou até mesmo direitista, teremos necessidade de combater as possíveis leis reacionárias que venham a contrariar os interesses dos trabalhadores. Neste sentido, acho que ela tem o seu valor, mesmo com esse caráter e com essa configuração que possa ter de direita e conservadora.

Maria José — Eu não polari-
zaria e colocaria a questão como Constituinte conservadora versus central sindical. Eu acho que a questão da central sindical única é uma polêmica até mesmo extremamente falsa. O que existe de importante no movimento sindical é a democratização das entidades sindicais, a desvinculação dessas entidades do Ministério do Trabalho e a sua liberdade de atuação. Eu acredito até que essa questão de devermos optar por uma central sindical é outra polêmica que não existe. Existem movimentos sindicais em outros países, extremamente fortes e que estão traionados em diversas centrais sindicais. Isto não significa fragilidade do movimento. Eu acho que tanto a CUT quanto a Conclat, podem ser extremamente fortes se os

sindicatos que a compõem forem fortes, estiveram realmente com a participação massiva das suas categorias e forem entidades democráticas, participativas.

Eu acho que, pelo menos quanto ao sindicato dos médicos que ele vai naturalmente caminhar para o alinhamento com determinada central sindical. Mas isto é um processo em que a categoria tem que discutir. Mas isto não significa até por questões que eu considero até ideológicas, que se possa colocar as centrais sindicais como sendo o fator que está atrasando a luta do trabalhador ou o movimento sindical. Eu acho que isto é um raciocínio errado. Acho que pelo fato de eu divergir da Conclat e me alinhar com a Cut, ou vice-versa, não significa que uma das centrais sindicais seja atrasada politicamente e esteja atrasando o movimento sindical. Eu acredito que diante de uma Constituinte conservadora como essa que vem aí, o que se tem de fazer é organizar os trabalhadores dentro das suas entidades. Enquanto isto não acontecer, qualquer central sindical que possa existir vai ser uma central sindical fraca. Ela só vai se tornar forte se os trabalhadores estiverem organizados. O que representa a central sindical? Representa exatamente o conjunto da organização dos trabalhadores. Se a base não está organizada a cabeça não está organizada e não pode ser forte.

Mas diante dessa Constituinte que vem aí, eu acho que o nosso trabalho vai ser um trabalho dentro dos nossos locais de trabalho, sindicalizando as nossas categorias, organizando, criando os nossos delegados sindicais, fazendo com que as estruturas sindicais tenham alternativas, diferentes das que foram colocadas hoje, que foi a alternativa do Ministério do Traba-

lho. Na minha área, por exemplo, nós temos os nossos delegados sindicais e temos os nossos representantes. Vamos então fazer com que esse corpo cresça para que a gente tenha força para contestar essa Constituinte que vem aí. Porque, como vocês já disseram, é uma Constituinte que vai querer preservar o que já existe, ou talvez até piorar. Não adianta. Sem organização nós não vamos chegar a lugar algum.

Carlos Max — Eu acho que a divisão que existe do meio dos trabalhadores em duas centrais sindicais é um dos motivos principais do pouco poder de barganha que o movimento trabalhista detém hoje no Brasil.

Eu particularmente, como presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal, considero isto como uma das coisas mais deploráveis, porque para defender os interesses dos trabalhadores não devemos colocar acima de qualquer coisa os interesses partidários. Devemos defender os interesses dos trabalhadores, e não os interesses dos partidos. É por isto que eu não tenho o mesmo quanto a uma eventual modificação. Acredito que esta divisão vai continuar enquanto os trabalhadores não se conscientizarem de que não serão especificamente através de partidos políticos que vamos conseguir vitórias, defender os nossos direitos. Os partidos políticos são importantes, eles formam a base, mas na maioria das vezes, como a disputa pelo poder dentro do partido se agiganta, quem perde é o trabalhador. A minha posição, e inclusive a da diretoria do nosso sindicato, é a que devemos deixar de lado as lutas partidárias — e até mesmo, se possível, as questões ideológicas — para defender aquilo que é do interesse do trabalhador.

Lúcia Carvalho — Acho que nós estamos em claro retroces-

so em termos de leis. O que unifica a classe trabalhadora são as suas lutas, e inexpressavelmente no ano que vem todos os trabalhadores ligados às fundações vão ter que começar a discutir, por exemplos, de que forma unificar a campanha salarial. Além disto, como solucionar questões comuns: estabilidade no emprego, delegados sindicais e questão salarial. Tudo isso nos unifica. E em cima disto é que a gente constrói a nossa unidade e a nossa luta conjunta. E a partir daí que se dilui a questão ideológica, porque a luta é realmente o melhor espaço para que a proposta mais correta seja vencedora. Eu particularmente, defendendo uma central sindical. A minha categoria ainda não realizou esta discussão, o que está tentando fazer agora. Eu, particularmente, defendendo a filiação à CUT. Mas se ela se atrelar ao Ministério do Trabalho não vai mais representar nossos interesses. É uma questão que se constrói no dia-a-dia, na luta. E a central sindical que vai unificar a luta é a que está identificada com a nossa organização. E, para mim, é por aí que os trabalhadores vão conseguir fazer valer os seus direitos.

Moisés José Marques — Eu não acredito na unificação das centrais sindicais após o dia 15 de novembro. Acho que a unificação só virá quando aparecer alguma bandeira que é comum às duas centrais. Hoje nós temos aí, claramente a CUT e CGT. A CUT avança um pouco mais. A CGT não avança. Às vezes, ocorre o inverso. E isto deixa claro que a divisão está exatamente na cúpula destas entidades, porque a maioria esmagadora dos trabalhadores não tem consciência do que seja CUT ou CGT. A discussão realmente tem que começar na base. Mas hoje está bem claro que a divisão existe na cúpula.